



CONTRA-SATYRA,  
OU CENSURA

# JOCOSERIA

A O S

*SATYRICOS, OFFICIAES DE PASQUINS,  
Mestres de calunnia.*



Lá! Satyras no Reyno? Logo no Reyno ha Satyros. As obras dos Satyros são Satyras. Os Satyros são monstros sylvestres, de que ainda hoje os doutos não tem perfeita noticia. Segundo a mais provavel opiniaõ, Satyros são huns monos,

que quando querem, se poem, e andaõ em pé, como gente. O dizer que são animaes bípedes com pés de cabra, cabeça de homem, e dous corninhos na testa, he ficçaõ Poetica: e mais que Poetica he a fabula, que se atreueo a dizer, que os Satyros eraõ creaturas, que na noite do Sabbado da creação do Mundo, Deos lhe não pode dar a ultima perfeiçaõ por falta de tempo: os quaes fu-

A

gindo

Theaur.  
Antiquitat.

gindo da santidade daquelle dia, se foraõ embrenhar em grandes matas, donde de tempo em tempo sahem a molestar aos homens.

Aquelles, que nas suas tragedias os Gregos chamavaõ Satyros, eraõ huns rusticos vestidos de pelles de cabras, que com ridiculos maneyos do corpo moviaõ os expectadores a riso, e temperavaõ no theatro o rigor das graves representaçoes. No principio estes villaõs disfarçados em Satyros só com danças, e tregeitos, sem articular palavra, appareciaõ em humas farças, que serviaõ de entremez; depois foraõ admittidos entre as primeiras figuras da tragedia Satyrica, que era hum misto do serio com o comico. Finalmente degenerando a scena em villanice, começaraõ estes a perseguir, e picar os circunstantes, e absentes com ditos affrontosos, e manifestas injurias. Sem duvida parece, que destes fallou Pamphilo:

*Este procul Satyri, petulantia numina, turpes.*

Destá laya saõ hoje huns criticos, que emboscados a modo de Satyros na grande mata deste Reyno, atiraõ pedras, e escondem a maõ, ou totalmente se escondem, como indignos da luz do mundo. Busque-se com grande diligencia hum Satyro destes, naõ achará novas delle o mais vigilante explorador. Tinhaõ os Satyros figura de gente; mas nenhum destes faz entre a gente figura de homem. A mim qualquer destes se me representa coruja, ou caracol: coruja da detracção armando ao credito filadas entre sombras, e com molesto estridor apregoando rapinas de honra, e estragos de merecimento: caracol da maledicencia, encolhido,

recolhido, encarquilhado, e involto nas ascorofas superfluidades de sua babosa bocca. Quem nos descobrirá estes occultos Aristarchos, Zoilos invisiveis, Antipodas da urbanidade! Quem dará alcance a estes fugitivos Cahíns, desertores da boa razaõ, banidos da modestia, extirpadores da verdade? Devem cuidar, que he lustre da patria o seu nome em branco: creyo, que por desvanecidos desaparecem; por isso nestes se não faz certo aquelle lepido anexim, que diz: *Fallay no ruim, olhay para a porta.*

Eu nunca os vi, nem me hey de abalar para os ver. Mas como estes trazem o seu retrato nos seus papeis; quero com cor morta pinta-los ao vivo para duplicar taõ bellas imagens: Saõ huns novos Gedeoens com muito corpo, e pouco espirito: saõ Cyclopes, que em ferro frio malhaõ ás cegas, e com presumpçoens de lince daõ pancadas de cego: saõ Rhadamantos capazes de sentenciar feitos na relaçaõ do Inferno: saõ Briareos das mentiras, que tem maõs para abraçar a todas, e para infamar tem mais boccas, que a fama: saõ Argos das Academias para desquartinar argueiros: saõ microscopios da critica para fazer de átomos elefantes: finalmente saõ huns Momos impertinentes, a quem tudo féde, e nada lhe cheira: saõ sentinellas da malicia, que tudo espreitaõ, e nada lhe escapa. As suas obras saõ partos expostos, filhos sem pays, orsaõs da litteratura, abortos do tinteiro, embrioẽs da Satyra, e engeitados da discriçaõ.

Por este Reyno anda esta desgraçada relé de maõ em maõ, causando vertigens a seus Auctores, que em toda a parte a seguem, sem poderem agrade-

cer a quem a approva, ou queixarse de quem a re-prova; porque dando a entender, que elles a fizeram, de Auctores se fariaõ reos. Tenho deitado inculcas para saber onde moraõ estes Doutores in-nominados: a baixeza de seus espiritos me persuade, a que assistem nos Paizes Baixos; mas pagaõ os altos de vazio: ao menos tomara saber, que officio exercitaõ: não são pintores, porque des-pintaõ: não são imaginarios, porque desfiguraõ: por talhar de vestir parecem-me alfayates; mas sempre descosem. Do coro dos Musicos foraõ excluidos pelas suas desentoadas prosas, e mal ajustadas cantigas: não os admittem os Poetas, senaõ para mentir: não os querem os Argonautas, senaõ para entoar birimbãos, e fazer festa ás Serêas: selhes taparem os olhos, bellamente faraõ andar huma atãfona. Na sua estimaçaõ os desvarios do seu cerebro são oraculos de Ariopágo; por isso em veneraçãõ da sua noitívaga prosopopéa, todos em claustro pleno os reconhecemos por artifices de clandestinas investivas, morcegos Academicos, toupeiras do Parnaso, Peripateticos duendes, espantalhos das Musas, carantonhas de Apollo, lobisomens das noites Athicas, cagalumes da Rhetorica, cathedraticos tenebrosos, pesadelos das trevas do Egypto, e das aguas de Hippocrene olhos remelosos, e tortos.

Com todas estas enormes prerogativas ninguem até agora os acabou de conhecer com certeza para os declarar: mas para que he conhecer a quem desconhece a todos? Bastará, que lhe saibamos o nome: o seu nome he a sua significaçaõ: eu sem escrupulo, nem escandalo não só em huma lingua,  
mas

ou censura jocoseria.

5

mas em muitas quero dizer como se chamaõ: em Grego chamaõse *Ædæy*, em Inglez *Nomans*, em Italiano *Nessunos*, em Francez *Nuls*, em Alemaõ *Kiemants*, em Latim *Nemo*, em Castelhanao *Ningunos*, e em Portuguez *Ninguens*. Todos confirmarão o meu dito; se não corra hum curioso todas as Provincias deste Reyno com huma Satyra na maõ, e pergunte de porta em porta: *Quem fez nesta casa esta Satyra?* Ouvirá dizer: *Ninguem*. Agora pergunto eu: De hum *Ninguem* que se póde esperar? *Nada*. O negativo do appellido inculca a negação da obra. Saõ pois estes *Ninguens* taõ facundos nos seus *Nadas*, que nos seus papeis formão hum composto de varios *Nadas*. Como successivamente veremos nesta *Contra-Satyra*, pela qual constará, que toda a substancia das Satyras he hum treplicado *Nada*: *Nada* de sciencia, *Nada* de prudencia: e *Nada* de consciencia.

*Na da de sciencia.*

**E**Ntre as Satyras dos Gregos, e dos Romanos havia huma grande differença: as Satyras dos Gregos eraõ defatinos da rustica ignorancia, armados com apodos, e mofas; e não tinhaõ outro fim mais, que affronta, e desprezo: nas dos Romanos havia muita erudição, e sciencia dirigida a reformar costumes com a recommendação da virtude, e exterminação dos vicios. Lucullo Cavalleiro Romano, avô, ou (como outros querem) tio do grande Pompeyo, foy o primeiro, que sahio com este genero de Satyra em verso Latino, e outros celebres Poetas daquelle tempo seguirão as suas pifadas,

fadadas, e com grande engenho escreveraõ Satyras, que ainda hoje tem vigor, e efficacia para reprehender os mais depravados costumes.

Quando ouço dizer, que sabio huma Satyra, entendo, que he huma discreta demonstraçaõ do Auctor della, hum zeloso desafio da critica, e huma douta censura de alguns incidentes casualmente succedidos. E estando eu nesta consideraçaõ, vejo, que pela mayor parte do escuro, e cavernoso monte de huma ignorancia sahe o *ridiculus mus*, que he hum papelinho, que sem dentes quer roer, e sem agudeza quer picar. Tende maõ ridiculos aggressores, ratinhos presumidos: armas rombas naõ servem; a Satyra he espada, que sem boa ponta naõ entra, e sem bom fio naõ corta: sem armas muito finas naõ se destroe a honra. Quem vos meteo a exercer huma arte, que naõ sabeis? Para fallar bem, ou mal he necessario ter arte; e ás vezes mais artificio pede o fallar mal, que o fallar bem; porque o fallar bem naõ necessita de adjunto: e para fallar mal de maneira, que faça fé, he preciso saber fallar bem. A Critica, e a Satyrica, que saõ artes de dizer mal, saõ partes da Rhetorica, que he arte de dizer bem. O primeiro, que no mundo fallou mal foy o diabo; porém como grande Rhetorico naõ fallou abertamente mal; fallou aparentemente bem para induzir Eva a ter má opiniaõ do Divino Legislador. Naõ disse, nem encareceo o rigor de tirar por hum pomo a vida; mas desafombrou os animos do medo da morte: *Nequaquam morte moriemini*. Finalmente assim pela callada sem estrondo de queixa, ou investiva persuadio o que quiz: e fallando realmente mal, o modo

o modo o fez parecer, que fallava bem.

Valhame Deos! No seu critico empenho anda o diabo com pés de lãa, e com polvora surda faz o o seu tiro? E vós mais furiosos, que as tres Furias, com o primeiro som de trombeta tocais a degollar: tudo fazeis em quartos, sem dares quartel a alma viva, para ficares senhor do campo: enterrais os vivos, e mais dentro na terra fincaes os mortos: apeais a mais remontada fidalguia, e tudo metteis a laque. Quem dissera que tantos, e taõ crueis estragos são effeitos de huma ridicula impericia? A malicia vos quiz fazer Satyricos; mas a ignorancia vos fez ridiculos. Taõ ridicula cousa he fazer de hum pigmeo hum gigante, como de hum gigante hum pigmeo. Era Alexandre de pequena estatura, Stacierates, famoso Estatuario daquelle tempo, se offereceo a fazer de todo o monte Atho huma estatua de Alexandre: riraõse todos da monstruosidade da lisonja. Naõ são menos ridiculas as vossas monstruosas Satyras, que com mal aparadas pennas querem arrazar montes de glorias, e nas precipitadas ruinas sepultar Atlantes de Monarquias.

Parece que naõ sabeis o axioma, que falla de vós: *Ex nihilo nil fit*. Porque sendo vós huns *Ninguens*, tanto quereis fazer, que de tudo quereis fazer nada. Notavel ousadia he a vossa! Nas mãos do Creador o *Nada* foy materia para tudo; na vossa bocca o tudo he materia, que se reduz a *Nada*. Grande golfo, grande voragem, grande abyfmo, em que tudo o que he grande se some! As grandes virtudes, as grandes sciencias para vós naõ pôdem fazer astros da primeira grandeza; por-

porque tudo se vay a perder de vista. Que será de ti, Portugal, pois crias sujeitos, em cuja bocca todas as grandezas saõ como graõ de milho em bocca d'asno. Melhor vos fora dar badaladas contra a fome, do que causar rebates á fama. Naõ podem pois as vossas obras soar, senaõ publicando os vossos *Nadas*: *Nada* de sciencia, e juntamente *Nada* de prudencia, segunda propriedade de hum *Ninguem*.

### *Nada de prudencia.*

**A** Mayor cegueira da imprudencia he fechar os olhos aos perigos, que para evita-los qualquer irracional he aguia. Sobre caramelo tremulo naõ anda a raposa: ao subir do rio levanta a aranha a tea: da casa, que ameaça ruina, o bicho mais daninho he o primeiro, que foge. Na Corte de certo Principe do Norte o galgo de hum forasteiro acomettido, e mordido dos galgos do Principe, naõ quiz mais entrar no Paço: acompanhava o amo até á porta, e sem mais cerimonia voltava para casa. Naõ acabo de admirar a imprudencia destes criticos, que naõ só naõ fogem dos perigos; mas voluntariamente os buscaõ. Huma das mais arriscadas temeridades da imprudencia, he o arrojarse a denegrir do homem branco a fama; porque nenhuma cousa provoca mais a ira, que o desprezo; e a ira do desprezado justamente irritada da vida do desprezador naõ fará estima.

Estaõ cheyas as Historias de exemplos, em que as Satytras foraõ vingadas com a morte de seus Autores. Insolentissimos diffamadores, naõ vos reguleis

guleis pela generosidade de alguns Principes, que senão dignaraõ castigar a este genero de delicto. Porque se o Imperador Tito desprezava as Satyras dos Romanos; se Tiberio as dissimulava, dizendo, que em huma Cidade livre deviaõ ser livres as linguas: se as apremiava Augusto; se o Romano Scila a hum, que lhe fez huma Satyra, deo grande somma de dinheiro, para que lhe não fizesse outra; ha Principes, que a detractores não perdoaraõ. Hum delles foy Dionysio, ao qual todo o secreto detractor era objecto da sua indignação. A hum, que o satyrizou, conhecendo-o, mandou, que lhe cortassem o nariz, e orelhas, e lhe tirassem hum olho, e todos os dentes, e depois o marcaraõ, e meteraõ em huma gayola de ferro, aonde todos os dias á vista do povo o hiaõ atanzar, sem que o matasem, para que mais tempo podesse ver, e sentir a sua desgraça. Huma occasião aconselhando-lhe os amigos, que não comesse, nem bebesse, para acabar depressa aquelle martyrio respondeo lhes: *Em quanto nos dura a vida, sempre devemos esperar bem.*

Naõ ha malfeitor mais justamente exposto á ira de hum Rey, que o detractor occulto: porque como tal, rouba hum bem equivalente a vida: e como occulto, frustra o zelo da justiça, que sempre foy do Diadema Real a perola mais preciosa. E porisso permittem as Leys, que a hum ladraõ nocturno se tire a vida; porque além do crime, que cometteo no asylo da noite, quiz segurar a impunidade; e baldando atençaõ da justiça, procurou impossibilitar a vingança: com a supposição desta impossibilidade, andaõ estes ignotos calu-

mniadores mais confiados , que Giges com o famoso annel, que na Corte de Lydia o fazia invisível.

Calay-vos homicidas da reputação, homiziados no couto da vossa profunda malicia; serpentes enroscadas em gyros de venenosa mordacidade; cobras de cascavel, que retinem, e se retiraõ; basiliscos encovados, para matar a seu salvo; crocodrilos da Lagoa Estygia, para improvisos affaltos agachados; dragoens da Ilha encoberta; piratas do Mar negro; marabytos da caravella mexiriqueira; e das cavernas de Eolo tempestuosos tufoens. Ouvis vós, não zombeis de quem faz a diligencia para vos conhecer: em má terra viveis para não fereis descobertos. Porque deste Reyno sahiraõ homens, que descobriraõ mares novos, e novos mundos: ao curioso Portuguez nada escapou. Andava o rio Nilo inchado, e soberbo por emcobrir a todos o seu nascimento: não conheciaõ os Egyptios a origem daquellas catadupas, que com estrondosos precipicios atroaõ, e emfurdecem as Povoaçãoens vezinhas: na Anatomia daquelle fluante corpo não appareciaõ as cabeças daquellas sette boccas, que por varias partes metem no mar aguas capazes de alvorotar o Imperio de Neptuno. Quando finalmente huns Portuguezes passando pelo Reyno de Goyaõ, entre huns montes descobriraõ ao pé de hum pequeno lago dous olhos de agua, até entãõ encobertos aos olhos do mundo, e de ninguem conhecidos por principio fontanal daquellas aguas, que pelo espaço de muitos seculos cançaraõ Filozofos, e Potentados na investigação de sua origem. Quem vos assegura a vos

de

de outro semelhante descobrimento? Do vacuo de vossas cabeças sahem cheas de opprobrios, inundações de contumelias, e enxorradas de parvoíces mais diffonantes, que as catadupas do Nilo: e bom fora se vos seguisse hum diluvio de açoutes. Guarday-vos de algum curioso indagador de vossa encapotada malignidade: não diga a lingua por onde pague a cabeça: se o peixe com ser mudo morre pela bocca, quem vos poderá segurar a vida.

Com estas advertencias não intento irritar contra vos os animos dos offendidos; antes sey, que a paciencia he o mayor castigo da más linguas. Antidoto da vida lhe chamou Reusnero, quando rompeo nesta engenhosa penna:

*Antidotum vitæ patientia: sola malorum  
Victrix: si bene vis vincere, discere pati.*

Reusner.

Aristipo fallando com os maldizentes, dizia: *Tomareis vos ter tanto poder sobre a vossa lingua, como eu tenho sobre a minha paciencia.* Certo homem tendo noticia, que outro o satyrizara, esperou-o hum dia, e sahindo-lhe ao caminho a cavallo com huma lança na mão, entrou ás lançadas á sombra do Satyrico, dizendo-lhe: *Porque me satyrizastes na minha ausencia, dou na vossa sombra: se o fizesseis no rosto, daria em vossa pessoa.* Não nos fique no tinteiro aquelle excellente dito DelRey D. Affonso de Aragoão. Costumava este Sabio Rey não negar seus favores a pessoas, que sabia muito bem o satyrizavao. Estranhando-lhe alguém esta acção por frustranea, e irracional, respondeo: *Aos caens deixase-lhes a sopa, para que ladrem, e não mordão.*

O ultimo remedio para fazer calar o ecco, he o naõ fallar: o maldizente como ecco sempre falla com as palavras do cabo; e naõ acaba de fallar, senaõ quando quem fallava, cala. Supposto isto, só o nosso silencio vos obriga a estar calados. Mas que digo? A vossa loquacidade naõ he de ecco, porque fallais sem sereis perguntados: só o que tendes de ecco, he o fallar, e naõ sereis vistos; porque sempre fallais ás escuras; ainda que injurieis ás claras. Notavel verbosidade! cruel comichaõ de fallar! De vós mesmo naõ tendes dó? Naõ vedes, que vos affogais com cousas, que naõ cabem na bocca: Porisso affiastes a penna? Porisso a entregastes ao papel? Do meyo de huma nevoa fallais com clareza, sem translaçaõ, nem metaphora: os cortes, e talhos saõ as figuras da vossa arenga: sem duvida aprendestes Rhetorica no Açougue, e estudastes Humanidades em Barberia, Theologia em Genébra. Dado pois o caso, que algum dia appareçais, quem vos ha de conhecer, se vós sois huma noite de inverno sem estrellas, nem luz; porque tudo escureceis! Do nosso Portugal quereis fazer Ethyopia: todos á vossa vista somos negros: certamente nos quereis sujeitar ao Preste João. Mas já naõ entendereis connosco; porque todos somos de huma cor: com esta differença, que vós sois duas vezes negros; porque vos naõ declarais, e para nós estais sempre ás escuras. Escondei-vos muito embora, como o Monitauro no Labyrintho; mas naõ deixeis de vos recear de algum Theseo, que zeloso do bem commum, vos naõ deixe ver mais a luz do dia.

Affectar honras he soberba; mas despreza-las he

he villeza. As calumnias são da natureza huns raios, que não queimam, mas tizam: e a honra he hum crystal, que qualquer halito a empana. Em todos os officios Politicos, e Ecclesiasticos, e até na arte Militar, que com armas tudo decide, mais póde a fama, que a força. Com maravilhosa harmonia, o ento-ou o nosso Cysne Lusitano:

*Quanto mais póde a fé, que a força humana:*

A Alexandre Macedonio estranharam seus cortezaõs, que dos Povos por elle conquistados se deixasse chamar filho de Jupiter: *Tomára eu (disse Alexandre) me tivessem em conta do mesmo Jupiter; porque a reputação dos Capitaens abre caminho para as victorias.* A isto se acrescenta, que a má fama dos que tem parte no governo, resulta em damno de quem manda: porque os Ministros são pés, mãos, e olhos do Principe; e se para o vulgo mal informado perderam o credito, fica o Principe manco, aleijado, e cego. Por estas, e outras razoes os Principes mais sabios castigaram com rigor aos Sillographos calumniadores, como homens perniciosos a todos: aos subditos; porque os informam: aos Principes; porque os desauthorizam. Notavel exemplo desta verdade deo David, o qual todo o secreto detractor, que apañava, não só o perseguia; mas desejava acolhe-lo ás mãos, e mata-lo. Trajano mandou prender todos os maldizentes, e embarcados sem leme, nem vélas, os expoz aos cachopos do mar sem socorro, para que naufragassem aquelles, que procuravam affrontosos naufragios a fama dos Romanos. Artaxerxes reconhecendo os prejuizos, que

Camoens.  
Lusiad. cant  
3. oyt. l. iii.

Pfam. 100.  
vers. 6.

traz

traz consigo a maledicencia, publicou huma ley, em que mandava traspassar com tres agudas fovelas a lingua dos calumniadores; por ter offendido (dizia) tres cousas excellentes: a Natureza, a Razaõ, a Fé. Naõ sey como na celebre figura do Pasquino em Roma se naõ escarmentaõ, os que se delectaõ em fazer Pasquins. He a dita figura tronco disforme de huma estatua desnarigada, sem pés, nem braços, que na sua mutilada figura parece prognostica aos Professores da arte Pasquinatoria navalhadas, gilvazes, escalavraduras, e outros semelhantes precalços avinculados ao officio. E vós em risco de lewares hum premio destes, vos esqueceis daquelle rifaõ: *Falla bem, terte-baõ por alguem.* Fallais taõ mal, que todos vos temos por huns *Ninguens*: *Nada* de sciencia, *Nada* de prudencia; e peyor he

*Nada de consciencia.*

**A** Gora vay deveras, que em materias de consciencia naõ se zomba. Primeiro, que Legisladores dessem Leys ao mundo: primeiro, que Moyses desse Leys aos Hebreos, Licurgo aos Lacedemonios, Trimegisto aos Egepcios, Bocchoro aos Thebanos, Androdamo aos Calcidienses, Zoroastes aos Baçtrianos, Hyppodamo aos de Mileto, Minos aos Cretenses, Carendas aos Cartagenezes, Solon aos Athenienses, havia no coração humano huma Ley incognita, e occulta; a saber, hum dictame da razaõ, e manado da Ley Divina, pelo qual a Natureza nos ensina a seguir o bem, e fugir do mal. Esta primeira Ley, he a que chamamos

mos consciencia, que se compoem desta preposi-  
 ção *con*, e do nome *sciencia*, donde se segue, que  
 consciencia diz duas cousas; a saber, sciencia, se-  
 gundo o que he habito natural cognoscitivo; e do  
 outro modo diz recepção da parte da razão, o  
 que se nota com a preposição *con*. Da primeira for-  
 ma, incluindo sciencia, sempre he recta; da se-  
 gunda se ajunta a razão, e recebe erro. Definisse:  
*Ley do nosso entendimento, credulidade da inten-  
 ção*, para fazer qualquer cousa com deliberação  
 do animo. Com esta antes da Ley Escripita conhe-  
 ceo Adam o erro, em que cahio, e de vergonha  
 se escondeo: conheceo Eva a sua culpa, e para se  
 livrar, a quiz lançar á Serpente. De sorte, que  
 quando não havia Ley, servia de Ley a consciencia:  
 e ainda hoje todas as Leys essencial, e radical-  
 mente são huma só Ley universal no foro da na-  
 tureza, para conhecimento do bem, e do mal ge-  
 ralmente, e particularmente no coração de cada  
 hum.

Perversos, malignos, e miseraveis calumnia-  
 dores, quem apagou em vós a luz desta tão justa,  
 e bella ley? Sem razão de agravo, sem esperan-  
 ça de premio, sem motivo algum mais, que o de  
 dizer mal, defenfrais essas serpentinas linguas,  
 e com escandalosa tinta distillais o seu veneno; pa-  
 ra desluzir honras? Com que consciencia tambem  
 profanais o Parnaso com versos çujamente erra-  
 dos; e com frases machafemias vos publicais Her-  
 maphorditos, Androginos, mulatos, e mestiços,  
 valentoens do Pindo, espadas de dous gumes sem  
 ponta, cobras Amphizibenas com duas cabeças  
 sem juizo, perdizes de Paflagonia com dous co-  
 raço-

48  
 S. Ambros.  
 de Institut.  
 Virgin. cap.  
 4. Genes. 3.

raçoens sem alma, Janos de Portugal com duas caras sem vergonha: a vossa Musa bebe na fonte Caballina das más novas: não he ella Caliope, nem Urania: tem cara de Euterpe; e pela pena de Taliaõ, que merece, bem lhe posso chamar Thalia. Comque consciencia publicais libellos diffamatorios com nomes, e sobrenomes para individuar desdouros? Aonde achastes exemplo deste satyrico desaforo? Compozeraõ Satyras Horacio Flacco, Lucullo de Arunca, Perseo Hetrusco, Juvenal de Aquinas, C. Rabirio, Timon Apolloniatas, e outros antigos, e modernos Escriptores com picante discrição, com judiciosa mordacidade, sem nomearem pelloas: porque o fim da boa Satyra he desterrar vicios, e não aposentar infamias. Vós pelo contrario sem medida, nem respeito, sem tirte, nem guarte levantais o montante, investis com as pessoas, cataneais, degollais, sempre mais a torto, que a direito, meteis estocadas, que se fossem penetrantes, chegariaõ até á alma: e em vez de apontar defeitos para os emendar, ostentais bizarrias de censores á custa alheya.

A boa razaõ não soffre termos diffamatorios, nem as Leys como fundadas na boa razaõ, o permittem. Toda a Jurisprudencia contra Pasquins, e libellos diffamatorios fulmina: As Decretaes anathematizaõ aquelle, que não provar a injuria, que pôz por escripto: manda o Codice, que aquelle que achar libello, ou carta contra a reputação de alguém, se a não queimar logo, será castigado como Auctor della: tambem he doutrina de Theologos Moraes, que quem achou libello diffamatorio, e o não rasgou, pecca mortalmente; e concluindo  
com

com S. Efrem, ouvir calumnias, e não reprehender a quem as diz, he approva-las como verdadeiras.

Mas para que me canço, e vos canço a vós com a declaração das penas impostas a malevolos destractores? Em homem, que não tem consciencia; não lhe fazem abalho anathemas, nem outros espirituaes castigos da Igreja: o peccador inveterado não sente os remorsos da consciencia; porque nella faz callo a culpa: quem não tem consciencia não sente, quem não sente, não se arrepende, quem senão arrepende, cahe; e tão baixo cahe, que nunca mais se levanta. Antes que vos precipiteis, levantay os olhos ao Ceo, e vereis, que o Astro eclypsante he mais inferior, que o eclypsado. No Mundo succede o mesmo: os espiritos mais vis, os mais ignorantes, os mais baixos, são os que procuraõ desluzir aos mais superiores, mas de balde; porque: *A Lua por mais, que os caens lhe la-* Maced.  
*drem, não deixa de ser clara.* Parece-se isto com aquillo de Alciato:

*Lunarem noctu, ut speculum, canis inspicit orbem.*  
*Seque videns, alium credit inesse canem;*  
*Et latrat, sed frustra agitur vox irrita ventis;*  
*Et peragit cursus surda Diana suos.*

Alciat. Emblem. 164.

Vos, que a todos os Astros quereis tirar a luz, claramente mostrais, que sois inferiores a todos: tanto assim, que por baixo não appareccis; e de maneira vos ides abaixando, que não sey aonde irá parar tanta baixeza.

Observou Santo Agostinho ser a maledicencia  
C officio

officio de gente baixa, e vil, a que nenhuma vianda sabe bem, senão toca em vidas alheyas. A razão deu-a S. Jeronymo: murmuraõ os homens baixos, porque entendem se engrandecem com os vituperios alheyos. Diz S. Bernardo, que as pennas comque os Satyrographos escrevem suas Satyras, são pinceis do demonio com o matiz do Inferno.

Ecclesiast.  
cap. 8.

O Sabio tem por menor mal o Inferno, que a má lingua de hum Satyrico. A hum discreto ouvi eu dar a razão, dizendo, que o Inferno devora o máo, e a má lingua o bom. Bellamente compara S. Gregorio os Satyricos aos que assoprando a terra, levantaõ poeira, comque elles a si mesmos se cegaõ.

Zavaleta lhes chama varredores dos costumes. Os que varrem as ruas, arranhaõ-nas para varrelas, porém deixaõ-nas sem pó, nem lodo, e elles ficaõ çujos. O satyrizado emenda-se, o Satyrico, se se conhece, fica com a taixa de desbocado. Andáõ estes apurando as vidas alheyas, perdendo as suas.

Disse Milezio aos que dezejaõ viver ajustadamente: *Susurronem ex ædibus ejice*. Expulta de tua casa aos maldizentes. Senão queres cahir na culpa de ouvi-los, que talvez será peyor, como duvidou S. Bernardo: *Detrahere, aut detrahentem audire, quid horum damnabilius sit, non facile dixerim*.

S. Agostinho escreveu na casa, em que comia estas palayras: *Quem gostar de roer na vida dos absentes com seus ditos, entenda, que he indigno de assentar-se a esta mesa*. O mesmo Santo definia a maledicencia: *Mortal veneno da amizade*.

Ha muitos, que por não perderem hum dito, perdem

dem hum amigo: como observou Quintiliano, e lembrou a Horacio, quando disse:

— *Dumodo risum.*

*Excutiat sibi, non hic cuiquam parceret amico.*

Devem ter os ditos as condigoens, que lhe punha D. Alvaro de Castro, Conde de Monsanto: *Haõ de custar muito a quem os diz, e nada aquelles porquem se dizem.*

Dizia hum; mas dizia com encarecimento: que ou pouco, ou muito todos satyrizaõ; e que se alguem duvidasse, metesse a maõ na consciencia. Lembra-me Francisco de Sá e Miranda, quando disse:

*Eu pareço doudo áquelle,  
Elle parece-mo a mim,  
Hum ao outro curte a pelle:  
Diz de mim, eu digo delle,  
Somo-lo todos em fim.*

Sá e Miran-  
da.

Sempre teve que dizer quem quiz dizer mal Satyrizaraõ a Simonides os Athenienses; porque fallava muy alto; a Paniculo os Thebanos, por cuspir muito: os Lacedemonios a seu Licurgo, por andar sempre cabisbaixo: Os Romanos a Scipiaõ, porque roncava de rijo: a Cataõ os Uticenses, porque comia depressa; a Pompeyo, por se coçar com hum dedo só: os Cartagenezes Satyrizavaõ a Annibal; porque andava defabotoado.

Conheço, que todos somos como hum relógio de Sol: as nossas obras faõ as horas (que tam-  
bem

bem temos humas melhores, que outras) o ferriño, que as mostra, he o estylo, ou modo mais, ou menos luzido; mas sempre com algum fio de sombra; porque ha poucos, que careção de *Senaõ*:

*Si Nisi non esset, quam felix quilibet esset:  
Sunt pauci visi, qui caruere Nisi.*

E assim como no relógio de Sol todos vão buscar o escuro reflexo, que affina-la as horas; assim esta linha obscura, esta pequena sombra he o alvo de vossos olhos, he o que com mais curiosidade buscais: disto se lembrou Horacio:

*Cum tua praevideas oculis mala lippus inunctis,  
Cur in amicorum vitiis tam cernis acutum?*

Horat. Art.  
Poetic.

De hum fio de sombra quereis fazer huma noite Egypciaca, e hum cahos de trevas; de huma inadvertencia quereis fazer hum escandalo; de huma omillaõ hum sacrilegio: he excessõ, e desatino taõ grande, que pede vingança, e clama ao Ceo justiça.

A Deosa Astréa, Senhora das vinganças antiga Presidente, e Regente Gentilica das Justiças, tem avocado a causa assi. E considerando, que estes Satyrographos, detractores encobertos, individuos vagos, Esctiptores apochryphos, almas errantes de capa em collo, sem casa, nem lar sabido, senaõ daõ a conhecer aos conhecidos, mandou ao Filosofo Diogenes, que com a sua celebre lanterna os fosse buscando por todas as partes deste Reyno. Escuzou-se Diogenes allegando, que a sua lanterna tinha

inha muy differente seruentia ; por quanto usava della para achar homens, e não para bulcar *Ninguens*. Por não gastar mais o tempo, e proceder summariamente, remetteo Astréa a causa aos tres Juizes do Inferno: Minos, Eaco, e Rhadamanto. Ao formidavel Tribunal foraõ chamadas as testemunhas, que satisfazendo ás perguntas, todas contestes declaraõ, e juraraõ, que os insolentes papeis dos maledicos malfeitores eraõ capazes de fazer na reputação dos homens irreparaveis estragos ; e que pela sua intrepidacidade se hia abrindo neste Reyno hum campo para degolladouro de prendas, e cemiterio de honras. Termos em que, os tres Juizes em perpetua abominação de taõ daninhos, e detestaveis levantijas, lançaõ, e assignaraõ o Acordaõ seguinte:

**A** Cordaõ em Relação &c. Todos os papeis de *Satyras*, ou *Pasquins*, libellos diffamatorios, cartas cantra a reputação de alguem, e outros desta categoria, que forem achados em qualquer parte destes Reyno, seraõ lançaõs pelo carraço no mais profundo pego do rio *Lethes*, para eterno esquecimento. E conhecendo-se algum de seus Auctores, este em satisfação de suas culpas, seja desterrado eternamente para os Reynos de *Plutaõ*; aonde (por querer por a todos por terra) será arrastado ao rabo dos cavallos da carroça do mesmo *Plutaõ* por aquellas nove Regioens: E se ainda bulir, as tres *Graças* em odio de seus incipidos escriptos, e sempiterna aversaõ as suas nojosas semfaborias, lhe faraõ comer cobras, e lagartos sem sal. As tres *Harpyas* lhe çujaraõ os pratos pelo crime de offuscar luzimentos alheyos, e cada dia com limos de *Acheronte*

lbs

*lbe labusaraõ o focinbo: Os Clyopes de Vulcano com ferrugem da fornalha lbe pintaraõ os bigodes, e lbe daraõ martelladas, que lbe bataõ n'alma: As tres Furias em castigo das dentadas, que deo lbe quebraraõ os quixos: As tres Gorgonas lbe meteraõ serpentes na bocca, que lbe faraõ deitar hum palmo de lingua fora: As tres Parcas cansadas de lbe fiar a corda patibular de sua vida, lbe fincaraõ com o fuso nos ouvidos, e com a roca lbe quebraraõ os narizes. A sua lingua serã trazida a pregaõ por Acheronte nas prayas do Averno os dias da Ley, e naõ havendo quem lance nella (porque similbante traste nem o diabo o quer de graça) seja repartida pelas cincoenta cabeças da Hydra, e pelas tres goelas do caõ Cerbaro: o seu coraçã andarã no pé do Sisypho em tumulo rodante; e terã o mesmo descanço, que as Filhas de Danao, e Netas de Belo: Nos seus maos bofes se lavarã o Abutre de Prometheo. O mais restante de seu cadaver pelo desenvergonhamento, comque quẽria fazer de todos gato-gapato, levarã huma novena de çapatadas pelos gatos pingados de Plutaõ: e por elles; serã levado á mais baixa, e escura catacumba do Orco, aonde serã enterrado sette braças debaixo do chaõ; e na campa da sepultura se gravará este*

## E P I T A F I O:

*Quando voles alios verbis mordere, viator,  
Fæda tui cordis respice, mutus eris*

G R A C, A S A D E O S.